

# Feminismos e mov. de mulheres : Ligação do Pessoal e do Político

---

- Conferência
- C.R.C. - Centro de Reflexão  
Cristã

---

7 fev. 1983



**MARIA DE LOURDES PINTASILGO**

**PRIMEIRO MINISTRO**

Fundação Cuidar o Futuro

FEMINISMOS E MOVIMENTOS DE MULHERES:  
LIGAÇÃO DO PESSOAL E DO POLÍTICO

6 anotações

1. Feminismos e movimentos de mulheres - uma perspectiva sociológica  
 1) *#9 entre feministas e mon/des m/s*

Num primeiro tempo, vou clarificar em que perspectiva me coloco ao falar, esta tarde, de "feminismos e movimentos de mulheres".

Faço-o porque reconheço que, numa época e numa sociedade como aquelas em que vivemos, a referência a feminismos pode acordar ecos de vãos combates ideológicos, paralizantes do entendimento das coisas e inibidores de acção construtiva.

Recuso, assim, uma qualquer referência aos feminismos que os enquadrasse nos esquemas dicotómicos tão caros à visão unidimensional da realidade. Mesmo se tenho de desabarcar, na referência aos feminismos, elementos de luta contra o sexismo, desejaria fazê-lo sem que isso se traduzisse na mera listagem de antinomias que não permitem sair do registo em que o sexismo se coloca e que, no termo, se reduzem a uma afirmação do unisexo. E o que me faz reagir ao unisexo não é apenas o conhecimento da imensa exploração de milhões de pessoas a - críticos por meia dúzia de milionários. Antes, sim, a afirmação do carácter dual da pessoa humana, da sua existência em homens e mulheres; e, para além dessa afirmação antropológica, a denúncia do mito do UM, UNIFORME, MESMO que, sendo reflexo do monismo cultural absurdo, é caminho para o único político, redutor das diferenças e aniquilador de todas as dissidências criadoras.

2) *induction réciproque entre le personnel et le politique*

Desde 1975, muitas das lutas parcelares desencadeadas pelos feminismos e movimentos de mulheres - e consideradas como actividades "marginais" durante a década anterior - foram retomadas a nível das instâncias socio-políticas nacionais e internacionais. É possível já hoje traçar o itinerário de questões que tendo sido inicialmente apenas a explosão do que as mulheres sentiam no seu dia-a-dia ressoaram nos movimentos de mulheres como fortes sinais de alarme que as instâncias do poder político não puderam ignorar.

A ligação entre o pessoal e o político poderia ver-se nessa caminhada. No entanto, o que me parece mais significativo é que nos feminismos e movimentos de mulheres se processa a globalização não só das práticas sociais mas das próprias questões que as motivam. Noutros termos, dá-se, no seio dos movimentos de mulheres, uma inte-



gração inédita entre a mudança pessoal e a mudança política.

Como refere Nancy Hartsock, professora de ciências políticas na Universidade John Hopkins, "ao aprofundarmos os laços entre o pessoal e o político, ao tentarmos compreender os laços entre a vida quotidiana e as instituições sociais, começámos a entender a existência como um processo social, como um produto da actividade humana".

Ou ainda em outros termos:

"Uma redefinição fundamental de nós mesmas é uma parte integral da acção para a mudança política".

Quando as mulheres analisam a sua própria vida, através do novo "relais" que são os movimentos de mulheres, põem em causa a matriz social em que se definem.

O despertar maciço das mulheres e a sua expressão social nos feminismos e movimentos de mulheres levanta a questão de saber se é possível uma tomada de consciência pessoal sem que sejam sacudidas as estruturas sociais. E, reciprocamente podemos-nos perguntar que sentido têm as mudanças sociais e políticas que não passam pelos processos pessoais de transformação dos membros dos grupos que se querem agentes de mudança.

Como diz outra autora americana (Marge Piercy): "Se aquilo que mudamos não nos muda é porque brincamos <sup>as mulheres</sup> com tijolos".

Trata-se, por um lado, da expressão política que assume, nos feminismos e movimentos de mulheres, o pessoal é do seu significado no corpo social.

Trata-se também, por outro lado, dos acontecimentos sociais e políticos mais significativos e que encontram na vida actual das mulheres o eco que abala o adquirido e abre novas possibilidades.

*les moments de l'analyse sociale*

*1) l'importance de l'analyse des moments de fs et l'elaboration de strategies de changement politique*

Esta indução recíproca constitui um dos aspectos mais novos da situação das mulheres na sociedade. Os movimentos de mulheres surgem assim como os lugares privilegiados dessa indução.

Importa salientar que refiro apenas aqui a ligação pessoal/político ao nível da metodologia de análise social.

- Um trabalho completo exige dois outros níveis
- por um lado, a gênese histórica dos movimentos de mulheres (que dou por adquirida neste contexto)
- por outro lado, a expressão de uma teoria (que, embora me seja cara, resultará, julgo, mais rica, do conjunto de debates que terão lugar nesta série do CRC.)

Embora limitada, a análise é indispensável a qualquer projecto



político que se queira portador de algo mais do que de estafadas doutrinas.

Em primeiro lugar, porque, situando-se na sequência de outros movimentos socio-políticos que movimentaram grandes massas desde o início da industrialização e nascendo de uma dimensão pessoal que se exprime hoje, com as vivências de hoje, os movimentos de mulheres revelam onde se situam as interfaces de maior impacto social e pessoal. Estão assim em condições de fornecer elementos para definir uma política tecnicamente intersectorial e económica, social e culturalmente integrada.

Em segundo lugar, nascidos de vivências pessoais onde se exprime o quotidiano tal qual é, os movimentos de mulheres contribuem para que a política se molde sobre a realidade. Permitem a desmontagem dos idealismos que se julgam realismos só porque utilizam os critérios quantitativos e, englobantes da macro-economia.

Em terceiro lugar os movimentos de mulheres dão à política um contributo decisivo porque, ao revitalizarem o tecido social, podem estabelecer a difícil ligação que vai dos movimentos sociais ao poder político.

Falar de feminismos leva-nos para o campo dos fenómenos sociais, longe das doutrinas feitas.

Já tem sido suficientemente referido que os feminismos são uma prática social efectiva constituída por um conjunto de opções, denúncias, lutas, acções que visam a eliminação do sexismo e, como consequência explícita, a afirmação de valores, atitudes, possibilidades ignoradas do humano que permaneceram até ao nosso tempo ao nível do pessoal e do privado mas que, pela primeira vez na história, têm as condições para se tornarem sociais e públicas, acrescentando assim novas dimensões à vida humana.

Digo feminismos e movimentos de mulheres num plural deliberado. Como qualquer outro movimento social, as questões e os actores do processo são tão diferentes entre si quanto diferentes são as situações em que se manifestam. (Basta comparar os feminismos europeus com os feminismos americanos ou os feminismos da Europa do Norte com os feminismos do Mediterrâneo).

Exprimem-se em centenas de publicações periódicas, partindo quase todas da vivência concreta das mulheres; utilizando o tom satírico face sexismo que denunciavam; e apontando para questões societais que, se diferenciam da discriminação contra as mulheres no sentido estrito, não deixam de fazer sistema com essa discriminação.

2) les explosions  
des mouvements de  
F et des caracté-  
ristiques

Fundação Cuidar o Futuro

Os feminismos e movimentos de mulheres têm várias formas de visibilidade de que é simbolicamente mais significativa a existência de lugares onde as mulheres se encontram, se dizem e procuram soluções práticas e fundamentações teóricas para a sua situação concreta e para a sua intervenção colectiva.

Pela sua natureza e pelas opções que tomam os movimentos de mulheres reforçam alguns dos aspectos de mais urgente solução no domínio da política.

- 1) - As mulheres dizem eu - põem em questão (metade da humanidade !) os esquemas de delegações de poderes;
- 2) - as mulheres fazem a interpenetração do imaginário e do real (literatura portuguesa) - o seu idealismo é o realismo exigido pela vida
- 3) - as mulheres revêm constantemente a sua acção e a sua estratégia (Femmes hebdo e a sua suspensão) - rigor científico
- 4) - as mulheres realizam um trabalho indispensável mas sem valor monetário - põem em causa o trabalho-escravo,
- 5) - as mulheres "tomam a sério" o que fazem (raparigas mais aplicadas que rapazes) mas não se tomam a sério - qualidade ética
- 6) - as mulheres têm o gosto do novo, do irreverente, do inconformista (Petra Kelly, deputadas portuguesas que falam) - inovação cultural
- 7) - as mulheres são a base da pirâmide da produção e as correias de transmissão para o consumo - uma economia ligada ao real
- 8) - os movimentos de mulheres afirmam a força, porque recusam o disfarce escolástico da "pessoa" neutra e assexuada e porque denunciam o mito do UM, do UNIFORME, a tendência para o MESMO - põem em causa o monismo cultural;
- 9) - são a dissidência constante face ao único político,
  - partido,
  - ideologia,
  - regime
  - ou homem.

*Le support  
des mouvements  
de femmes au champ  
du politique*

Fundação Cuidar o Futuro





2. "Interface" cívico/política- No plano pessoal1) *affirmation d'autonomie*

Uma das primeiras manifestações da tomada de consciência das mulheres, é a afirmação da sua liberdade e autonomia; a reivindicação do seu direito a serem sujeitos activos da sua própria história; e a rejeição das dominações que exteriormente e muitas vezes a coberto da lei, as oprimem.

A expressão desta autonomia tem muitas vezes como cenário o que até aí serviu de meio securizante. É a separação da mãe, do pai, do marido, do quadro com características de comunidade primária. É uma aparência de "inocência" readquirida, da afirmação da criança que pela primeira vez faz um desenho, ata os sapatos, salta uma escada e diz: "Fui eu sòzinho que fiz isso!"

2) *rejet de la domination - rebellion*

A rejeição das dominações é o primeiro tempo dum tal processo. Tudo o que é constrangimento, tudo o que é ressentido como imposição personalizada, tudo o que é limite ao quadro idílico de um paraíso original em que tudo teria sido possível e o prazer continuasse ligado a todo o acto humano - tudo isso é rejeitado em bloco.

Tal rejeição tem semelhanças evidentes com o comportamento dos povos no período imediato à conquista da independência. A libertação diz-se então negativamente: É o grito do recém-nascido rompendo com o mundo de que se separou. É o ressentimento amargo por tudo o que constituiu uma história na sua dependência e nos seus limites. Mas nem por se afirmar como rebeldia, o desejo de autonomia é menos verdadeiro. Só que se trata de um penoso e difícil trabalho até que se torne possível a liberdade que se afirma na encruzilhada das interdependências e se reconhece nas renúncias que a vida exige para que cada uma seja, de facto, sujeito da sua história.

Porque, para ser sujeito da sua história, "é preciso", como diz Catherine Clément, "passar pela história".

Quer dizer "pelo momento preciso onde se faz a articulação exacta entre a história de um sujeito individual e a história colectiva".

3) *les mouvements de f - lieu où s'opère le passage de la rebellion au social*

Os feminismos e os movimentos de mulheres têm sido o lugar onde esta articulação tem tentado realizar-se. Nelese se têm afirmado vidas que se autonomizam para a intervenção consciente na história.

A prática dos movimentos de mulheres é, antes do mais, a afir-

mação sociológica de um lugar onde pode exprimir-se o sujeito-mulher, onde a autonomia das mulheres pode tomar forma e possibilitar criações genuínas sem ~~xxxxr~~ conduzir ao delírio narcisista do eu, projectando-se idealmente numa qualquer galáxia livre de toda a lei de gravidade.

Gradualmente os movimentos de mulheres retomaram as grandes áreas em que as mulheres se reconheciam oprimidas e, por acções sucessivas - ou até pela ameaça que constitue a sua existência - levaram os poderes públicos a debruçarem-se sobre as formas institucionalizadas de opressão das mulheres. Nasceu assim um espantoso volume de legislações que libertou a mulher, pelo menos em teoria, das formas mais óbvias de dominação, que lhe conferiu juridicamente a autonomia que as estruturas patriarcais lhe não reconhecem, constituindo hoje um corpus jurídico que leva a falar de um direito internacional das mulheres. Reconhece-se assim que as mulheres são sujeitos potenciais da grande História.

- Significado político

1) *la leçon première: la libération a comme sujet les gens opprimés et leurs groupes*

O significado político inequívoco do desejo pessoal de autonomia assim relacionado pelos ferimentos e movimentos de mulheres situa-se, antes de mais, no reconhecimento de que a verdadeira libertação se gera nos sujeitos individuais e se veicula através da sua própria organização.

É, em termos muito imediatos, a afirmação de que "nunca o Estado libertará a sociedade" - como já foi programa de governo neste país - mas de que a sociedade contém em si mesma a força suficiente para se exprimir e se estruturar.

Mais: qualquer projecto de reformas a introduzir pelo aparelho do Estado só tem sentido a partir da vivência do sujeito individual e colectivo.

2) *la 2<sup>e</sup> leçon: la question des fr traverser, de façon semblable, #*

- O processo seguido pela luta de autonomia até à existência de um direito internacional das mulheres, põe ainda outra questão - a de saber se uma sociedade em que se aplicassem totalmente as normas internacionais conduziria automaticamente a uma maior autonomia das mulheres. Questão que se põe no seio das grandes ideologias em que o mundo se divide. O que equivale a dizer que as questões primeiras das mulheres na sociedade - as que dizem respeito aos seus direitos civicos de plena cidadania e que estruturam a sua autonomia como pessoa -



que essas questões se põem aquém das clivagens ideológicas tradicionais. Interrogar o processo de autonomia das mulheres é uma interrogação posta a toda a ideologia.

O próprio entendimento da organização política do corpo social apresenta novas formas nos feminismos e movimentos de mulheres. Nancy Hartsok exprime-o do seguinte modo:

"Primeiro, o nosso modo de análise sugere que precisamos de organizações que incluam a apropriação da experiência como parte do trabalho da própria organização. (...) Assim, precisamos de usar a nossa própria organização como lugares onde começamos a redefinir as relações sociais e a criar novas formas de trabalho que não seguem os modelos de dominação e de hierarquia estabelecidos pelo actual modo de produção".

"Em segundo lugar, a nossa estratégia é a de começarmos a convergir com outros grupos que partilham o nosso entendimento da política. Não podemos contudo trabalhar com aqueles que se recusam encarar as questões em termos da vida de cada dia ou com as pessoas que não usam a sua própria experiência como uma base fundamental do conhecimento. Tão pouco podemos trabalhar com aqueles que tratam a teoria como um conjunto de conclusões a serem coladas sobre a realidade". (pg.72)

## Fundação Cuidar o Futuro

### 3. "Interface" económica

#### - No plano pessoal

#### 1) *le travail rémunéré comme condition d'indépendance économique*

As mulheres que, ao longo do século XX, foram tomando consciência de que eram indispensáveis no circuito do trabalho remunerado, deram-se conta aí da exploração a que estavam sujeitas.

É certo que para uma certa camada da classe média o trabalho remunerado pôde ser tratado durante um certo tempo como uma escolha. E, através dessas mulheres, tornou-se claro que o trabalho remunerado fornece um sentimento de independência económica. Reforça-se assim o sentido de autonomia.

2) *l'attitude des femmes face à la production et à la consommation*

Não vou entrar nas ambiguidades sociais e económicas do trabalho remunerado. O que me interessa é o facto de que a mulher que ganha o seu próprio salário assume um papel autónomo perante as solicitações da oferta. O mesmo movimento de infância que referi há pouco leva-a a dizer: "comprei isto com o meu próprio dinheiro; não o



devo a ninguém". A compra e a procura não são totalmente actos que correspondam às necessidades reais.

São muitas vezes, em termos pessoais, compensações afectivas - quantas vezes ouvimos, do fundo da solidão de muitas mulheres, dizerem: "dei isto a mim própria". - Pudor por afirmar a compra? Por que o seria? O dinheiro pertence-lhe; o gosto também. Mas o que a mulher diz com essa frase tão comum é que gostaria que alguém tivesse pensado nela e lhe desse o que ela teve de comprar.

São também resposta a anseios de que não temos consciência - isso é particularmente nítido nas mulheres que durante a infância e a juventude recalçaram o desejo de ter o que viam nas outras mulheres por carências económicas ou outras razões (sem disso se aperceberem, de resto) e que, uma vez atingido o patamar da independência económica, parecem atacadas de "bulimia" generalizada. (Compram vestidos e atavios, compram livros, concertos e exposições). Assim, ao mesmo tempo que a mulher adquire independência económica, torna-se a presa de novos mecanismos.

Não se têm cansado de dizer os movimentos de mulheres. É que a máquina de dominação económica rapidamente entendeu este novo fenómeno. Assim, a economia introduziu-se nos interstícios da vida, colou-se às aspirações do inconsciente, amalgamou-se com a tendência sociológica nascente, fez sua uma nova apetência do ter.

Dá que o consumo se tenha sobreposto à produção. Tornou-se claro para os movimentos de mulheres que o consumo se tornou uma função económica autónoma. E que o seu agente principal é a mulher, sobretudo através das tarefas que continua a assumir no agregado familiar.

Os movimentos de mulheres não opõem a esta nova orientação da economia enquanto realidade social um juízo moral - lutando pela "sociedade frugal" ou pelo "small is beautiful".

O que denunciam é o espantoso paradoxo em que nos fazem viver os dirigentes políticos:

- um acento totalitário e violador dos grupos e das consciências através do reforço de todas as estruturas conduzindo ao consumo, enquanto o silêncio sobre a produção apenas é quebrado para falar dos "sectores em crise" e da necessidade do "relançamento de investimento".

Ou, noutros termos, denunciam que os dois lados do funcionamento económico - a produção e o consumo - pertencem a dois mundos diferentes:

3) os movimentos de mrs face às ideologias económicas

Fundação Cuidar o Futuro



- num, a produção, os critérios são quantitativos (lucro para o investidor, número de postos de trabalho fornecidos) sem que nunca se ponha a questão de saber o que se vai produzir e porquê;

- noutro, o consumo, os critérios são (aparentemente) qualitativos (os méritos que têm, por que é que um produto é melhor que todos os outros).

E, assim, o que os movimentos de mulheres procuram é que o consumo se torne uma função exercida consciente e lucidamente pelos agentes que nele intervêm. Para além da defesa do consumidor, o que os movimentos de mulheres revelam é a necessidade de utilizar o consumo como função reguladora da própria produção.

As consequências de uma tal perspectiva são imensas:

um consumo lúcido significa a orientação para a satisfação das necessidades básicas

e logo uma completa reorientação da produção.

As mulheres fazem ainda face a um outro problema: o sistema monetarista actual invade todos os esquemas de pensamento e desvaloriza todas as tarefas sociais não-remuneradas (de notar que esta tendência é mais forte nos países de acesso recente à industrialização do que nos países industriais como a Inglaterra ou os Estados Unidos). Este facto é ressentido pelas mulheres não só ao nível das tarefas familiares como das múltiplas formas de voluntariado. Os movimentos de mulheres têm sido o lugar onde tem nascido o estímulo para permitir quantificar o trabalho gratuitamente realizado pelas mulheres. E não faltam os estudos a dizer o valor económico, em termos monetários, do trabalho doméstico. Donde, uma visibilização desse trabalho com a consequente revalorização e reconhecimento social que lhe são inerentes.

Por outro lado, ao detalhar as tarefas que as mulheres realizam face aos agregados familiares e comunitários em que se inserem, os movimentos de mulheres acentuam a multifuncionalidade das mulheres e fornecem um quadro onde essa multifuncionalidade é reconhecida. Desta forma, os movimentos de mulheres foram pioneiros do que hoje aparece como iniludível: a ciência económica utilizada na gestão pública está em plena falência porque só é capaz de dar conta dos fenómenos "matematisáveis". Em paralelo, há um sector invisível da economia que corresponde não só ao desejo sofisticado de alguns de criarem o seu próprio universo mas sobretudo à necessidade de sobrevivência da maioria num período em que o pleno emprego parece cada vez mais inviável. Assim surge o que uns chamam de "contra-economia"

*No plano político  
transforma os  
meios sociais básicos  
em procura econó  
mica*

*5) trabalho  
não monetarizado:  
o sector qual  
nativo, a  
economia a fazer  
dela*

Fundação Cuidar o Futuro



(Hazel) e outros de "economia subterrânea" (Minc).

#### 4. "Interface" social

##### - No plano pessoal

Através de tudo o que acabo de dizer, evidencia-se algo que nas várias sessões de estudo que a ONU organizou à volta da Conferência Mundial de Copenhague se tornou um "leit-motiv": as mulheres são reconhecidas na sua existência, começam a tornar-se sociológica e estatisticamente visíveis.

As mulheres fazem, no entanto, a verificação de que pouco ou nada ganham com uma visibilidade que as acrescenta numericamente aos agentes da vida social e da tomada de decisão.

O conhecimento de si mesmas traduz-se numa afirmação da diferença que está sub-jacente, sob formas diversas, à prática de todos os feminismos e movimentos de mulheres.

Diferença e visibilidade levam a pôr a questão nos movimentos de mulheres do coeficiente político das actividades e dos processos em que socialmente a mulher está maciçamente envolvida.

Assim a sua presença na formação dos mitos arcaicos de criança e mais tarde a sua forte presença no sistema educativo, levam a perguntar se não é de facto às mulheres já hoje, na situação em que se encontram, que está aberto o terreno em que se formulam os códigos, a interpretação dos sinais, a reorientação do processo social.

De igual modo, a presença maciça das mulheres na agricultura e o papel quase universal que têm na preparação dos alimentos - isto numa época em que se torna claro que a alimentação, mais do que regime racional, veicula uma cultura - essa presença pode significar uma afirmação da identidade cultural de um povo ~~sem~~ a qual não há desenvolvimento possível.

E finalmente para apenas citar os exemplos mais clássicos - as mulheres são as primeiras a dar-se conta de que a sua saúde tem de ser repensada e vivida autonomamente como resultado da percepção do seu próprio corpo. Continuam a verificar que os primeiros cuidados de higiene e saúde lhes cabem na quase totalidade. Daí a proliferação nos movimentos de mulheres da literatura sobre "as-mulheres-e-a-saúde" bem como a criação de centros de saúde de mulheres em que as mulheres actuam como agentes dos cuidados primários e da medicina



preventiva ao nível da comunidade.

Face a este reconhecimento não admira que os feminismos e movimentos de mulheres ponham na prática em causa o Estado - providência - problema político da maior actualidade.

Face a um crescimento zero, face aos custos exponenciais da saúde e da educação, face ao sistema proteccionista que torna ainda possível a produção dos alimentos necessários, algo de novo tem de permitir as condições mínimas de vida.

Chegou a altura de pensar de outro modo a solidariedade social. Talvez tenha chegado mesmo a hora de pensar tudo de outro modo...

Fundação Cuidar o Futuro